

A península de Lisboa

«...Neolithic-Without-material-culture is a chimera, an artefact of a particular discourse...»

(THOMAS, 1993, p. 387)

A vasta informação disponível na bibliografia desde finais do século XIX apresenta a denominada península de Lisboa como uma área pontuada de inúmeros vestígios arqueológicos.

A presença destas evidências de ocupação tende a revelar dois traços distintos, mas indissociáveis, na área em análise. Por um lado a efectiva ocupação do território desde fases recuadas, que remontam ao Paleolítico inferior, por outro a intensa investigação da área conduzida por estudiosos de várias épocas.

Com efeito, a precoce e intensa exploração de campo nas proximidades de Lisboa, iniciada por Carlos Ribeiro nas derradeiras décadas de oitocentos (Ribeiro, 1878, 1880), transmitiu uma informação abundante e variada. Ficou assim demonstrada a intensa ocupação deste espaço meridional da Estremadura portuguesa ao longo da Pré-História.

É nesse manancial de dados, articulado com pesquisas recentes, que se encontraram os sítios enquadrados na tradição cultural do Neolítico antigo, cuja problematização se aprofundará em 7.

A metodologia que presidiu à escolha das jazidas agrupou os materiais arqueológicos tipologicamente comparáveis – maioritariamente cerâmicos – e as leituras de implantação espacial lidas à luz dos conhecimentos que possuímos acerca das modalidades de povoamento durante o Neolítico antigo.

Perspectivam-se assim sítios tradicionalmente aceites enquanto pertencentes a uma fase precoce do Neolítico, concheiros/níveis conquíferos e grutas naturais, sítios implantados em campos de lapiás, e ainda sítios de altura, numa visão mais inovadora, mas sustentada na área em estudo pela presença de São Pedro de Canaferrim.

No entanto, a fiabilidade desta nova abordagem levanta dúvidas e incertezas pela fragilidade de alguns dos dados arqueológicos em análise. Identificados em antigas escavações, em prospecções soltas, achados avulsos ou mesmo fruto de destruições quase totais, os artefactos e os sítios arqueológicos estudados viabilizam leituras com alcances muito diversos.

Assumindo que o passado não se revela a si mesmo através dos dados e que a evidência arqueológica apenas se torna compreensível quando é colocada no âmbito da narrativa (Thomas, 1991, p. 3), a reanálise dos dados de antigas pesquisas manifesta-se essencial.

Equacionam-se elementos resultantes de antigos trabalhos de campo efectuados em Olelas, Penedo da Cortegaça, Negrais (Pedraceiras e Barruncheiros), a par de outros recolhidos em prospecção, efectuados na última década, onde se enquadram Fonte Figueira, Parque das Merendas, ou mesmo achados fortuitos como o vaso conservado no Museu Municipal de Mafra e encontrado casualmente na Praia de São Julião. Excêntricos, em relação a este conjunto, são os materiais provenientes dos contextos seguros de São Pedro de Canaferrim.

A península de Lisboa, com limites definidos a norte pelo paralelo de Peniche, e a oriente pelo alinhamento de relevos que desde o Maciço calcário estremenho se prolonga até

ao maciço de Sintra, passando pela Serra de Montejunto e por Alenquer, limites meridionais da região climática norte de Portugal (Ribeiro et al., 1988, p. 457), será abordada sob duas ópticas distintas: a primeira materializada na análise dos sítios que em termos cronológico-culturais se integram no Neolítico antigo; a segunda, no tratamento da informação disponível, enquadrando materiais ditos de «tradição do Neolítico antigo» para um território que se circunscreve à plataforma litoral a norte da Serra de Sintra, abarcando *grosso modo* as áreas setentrional e central do actual concelho de Sintra.

A península de Lisboa caracteriza-se, então, pela presença de uma série de sítios neolíticos correspondentes a diferentes tipos de jazida. Grutas naturais, campos de lapiás, concheiros, sítios de altura. Esta simples enumeração demonstra a originalidade de uma área regional onde se reúnem características genéricas do Sul de Portugal, ao mesmo tempo que se definem especificidades próprias: extensos campos de lapiás – da Granja dos Serrões, Pedra Furada e Negrais –, o maciço granítico de Sintra, a longa costa de feição oceânica, os substratos calcários com cavidades naturais.

Numa perspectiva tradicional de análise da ocupação costeira do Neolítico antigo, a península de Lisboa poderia ser observada, em termos geográficos, como o seguimento natural das ocupações litorais que se verificam desde a Cabranosa, no Algarve (Ferreira, 1970; Zbyszewski et al., 1981), até aos sítios da Figueira da Foz, no curso do Baixo Mondego (Jorge, 1979).

Na realidade, apesar de nos encontrarmos perante uma costa de arriba vigorosa, existem cursos de água importantes, entalhando muitas vezes profundamente os vales, que apresentam fundos planos e largos no seu sector terminal. Esses fundos de vale, hoje colmatados por aluviões holocénicas, indicam a existência de antigas rias e estuários. As Ribeiras de Colares, da Mata, do Falcão e de Cheleiros possuíam, no VI-V milénios cal. BC, condições naturais favoráveis à fixação, nas suas margens, de grupos explorando recursos marinhos e estuarinos.

Apesar da verificada presença de um concheiro neolítico em Vale da Mata, Torres Vedras (Zilhão, 1990, p. 447; 1995, p. 47), não longe da foz do Rio Sizandro, mais outros dois prováveis sítios, um na margem direita da Ribeira da Mata perto da Praia de Magoito (Zbyszewski, 1958 *apud* Daveau et al., 1982, p. 133) e outro na Praia de São Julião junto à Foz da Ribeira do Falcão – aparentemente não mencionado por Arnaud e Ana Ramos Pereira nos seus trabalhos sobre o sítio (Arnaud, 1993; Arnaud e Pereira, 1994; Pereira e Correia, 1985) –, este tipo de jazidas com cronologia neolítica encontra-se mal conhecido na área. Tal constatação ganha significado sobretudo se atendermos às aludidas condições naturais e mesmo aos sítios reconhecidos com ocupação epipaleolítica: Ponta da Vigia (Zilhão et al., 1987), São Julião núcleos A e B (Arnaud, 1986; Arnaud e Pereira, 1994; Pereira e Correia, 1985) e Magoito (Arnaud, 1986; Daveau et al., 1982; Pereira, 1983).

Neste estudo analisámos directamente o vaso de São Julião (Est. 30). Trata-se de uma peça notável, ligeiramente fragmentada junto ao bordo, recolhida quando se construiu a Colónia Balnear sita naquela praia, provavelmente relacionada com o concheiro intacto localizado a norte do edifício e identificado em 1996 quando, na sequência do estudo das condições de jazida daquele artefacto, procedíamos ao reconhecimento de campo.

Foi, então, possível identificar na superfície da montureira, apenas 10 m acima do actual nível médio das águas do mar, um pequeno conjunto de conchas, que integram *Cerastoderma edule*, *Ostrea* sp., *Venerupis decussata* e exemplares singulares de *Thais haemastoma* e *Solen marginatus*. Além da fauna malacológica recolheu-se um subproduto de talhe de sílex, verificando-se que todos os vestígios se encontravam embalados numa matriz arenosa, fina e muito escura. Apesar do número reduzido de exemplares identificados, parece espe-

cialmente significativa a presença exclusiva de moluscos provenientes de ambientes estuarinos – berbigão, ostra, navalha e amêijoia –, apontando a púrpura para uma cronologia avançada, já do período Atlântico (Silva, 1996, p. 90).

Em termos de evolução paleo-ambiental é interessante notar a semelhança, a nível dos restos faunísticos, deste concheiro – ainda pouco conhecido – com o núcleo B da Praia de São Julião escavado por José Morais Arnaud e Ana Ramos Pereira, que também só revelou espécies estuarinas, por oposição ao núcleo A, aparentemente mais recente que o anterior, mas que forneceu além de *Cerastoderma edule*, *Ostrea edulis* e *Venerupis decussata*, espécies de fácies rochosa como *Patella* sp, *Mytilus* sp, além de *Nassarius reticulatus* e *Littorina littorea* (Arnaud e Pereira, 1994).

Trabalhos futuros poderão trazer informações preciosas na compreensão da ocupação da Praia de São Julião, onde se encontram documentadas ocupações epipaleolíticas, implantadas mais para jusante, completando a informação disponível para o sítio e enquadrando numa perspectiva diacrónica os vários locais de implantação.

No entanto, as incertezas acerca das condições de jazida do vaso de São Julião permanecem, uma vez que o achado de recipientes isolados, aparentemente sem outros materiais ou estruturas associados, constitui uma das características do registo arqueológico do Neolítico antigo do território actualmente português.

Aqui se enquadram, à partida, os vasos muito bem conservados de Santarém, Cartaxo (Guilaine e Ferreira, 1970, p. 307-308) e Casével (Pessoa, 1983). Quanto a este último, a inexistência de um contexto, com outros artefactos que possibilitassem a integração estratigráfica do contentor cerâmico com decoração “barroca”, foi anteriormente verificada por Raquel Vilaça (1988, p. 18). Assim e pelo menos neste caso, registou-se a presença de um vaso neolítico singular, ainda que próximo de importantes áreas de povoamento, como são os sítios da Figueira da Foz.

Fora da área peninsular a ocorrência de vasos isolados encontra paralelos em Ensuiès, Marselha, junto à foz do Ródano (Courtin, 1972). O depósito de recipientes cerâmicos singulares, frequentemente inteiros, em áreas pantanosas ou alagadiças constitui uma das características essenciais das fases mais recuadas do Neolítico da actual Dinamarca (Tilley, 1996, p. 100). A presença de restos orgânicos verificada num destes vasos – ossos não carbonizados de aves – conduz à suposição de se tratar de depósitos votivos de alimentos, em áreas limítrofes aos núcleos de povoamento (Tilley, 1996, p. 100).

Situação comparável poderia documentar o exemplar de São Julião. Em primeira análise, a Colónia Balnear encontra-se muito próxima do actual curso da Ribeira da Mata, sendo provavelmente uma zona alagadiça no Neolítico antigo. Depois, os dados relativos ao concheiro identificado em prospecção – a norte do edifício, já na vertente e a uma altitude superior – não permitem estabelecer relações directas entre ambas as realidades: um amontoado de conchas com evidências de talhe de sílex, de cronologia provavelmente neolítica, *versus* um vaso intacto do Neolítico antigo com paralelos próximos em contextos bem conhecidos.

Em termos formais, este artefacto enquadra-se no conjunto dos denominados «vasos decorados a falsa folha de acácia e com asas bífidas». Notáveis são as semelhanças com um dos vasos da Lapa do Fumo, Sesimbra (Serrão, 1975, fig. 3) e com exemplares de São Pedro de Canaferrim, especialmente um fragmento de bordo e bojo proveniente do *locus* 1 (Est. 2, 1). São recipientes fechados, em forma de saco, com asas bífidas e mamilos alongados; motivos decorativos em espiga incisa alternando com espaços reservados formando métopas, cordão horizontal abaixo do bordo. As proximidades vão além das semelhanças externas. Além da forma e da decoração, são também detectáveis similitudes a nível da dureza

das pastas, muito compactas, da cozedura, em ambiente redutor, e do tratamento das superfícies externas, que registam a presença de polimento sobre aguada.

Com segurança e face aos dados recentemente publicados, integram-se também no Neolítico antigo o sítio de ar livre da Pedreira das Salemas e a ocupação do nível 5 da gruta do Correio-Mor. Estas jazidas implantam-se em plataformas calcárias sobranceiras à extensa várzea de Loures.

As intervenções de campo consistiram em trabalhos de salvamento destas estações arqueológicas, muito afectadas pela laboração de pedreiras. Assim, a interpretação global foi apenas efectuada alguns anos após a conclusão dos trabalhos de campo, seleccionando-se amostras de matéria orgânica destinadas ao processamento de datas de ^{14}C e integrando nessa fatia cronológica parte dos materiais recolhidos, alguns deles já anteriormente objecto de publicação (Ferreira e Leitão, s.d., p. 124 e 139-140; Ferreira e Castro, 1967; Spindler, 1976, Abb.6).

A ocupação da Gruta do Correio-Mor revestir-se-ia de carácter doméstico, verificada a abundância de carvões e cinzas confrontada com a escassez quer de restos osteológicos humanos quer de objectos de adorno que integram habitualmente os conjuntos artefactuais das necrópoles coevas (Cardoso et al., 1996, p. 20).

Na realidade, para o território actualmente português e contrariamente ao verificado em muitas grutas espanholas e francesas (nomeadamente Cova de l'Or, Cova Fosca, Cova de Chaves, Abri Jean Cros, Grotte Gazelle, Baume d'Oulen), as utilizações habitacionais das cavidades naturais permanecem pouco conhecidas. Para o Buraco da Pala, no Planalto Mirandês, a situação encontra-se definida desde as mais precoces ocupações da gruta, datadas dos finais do VI-inícios do V milénio cal. BC (Sanches, 1996, p. 12). Mais próximas da península de Lisboa, mas ainda em pleno Maciço Calcário Estremenho, a Gruta do Caldeirão poderá ter sido abrigo temporário de pastores, apesar de se tratar de um lugar de necrópole (Zilhão, 1992, p. 125-126), a Gruta da Nascente do Rio Almonda, através do recente estudo da pedra lascada, demonstra uma utilização não estritamente funerária (Carvalho, 1997, p. 50), enquanto que o Abrigo da Pena d'Água revela, além de mamíferos selvagens, uma indústria de pedra lascada que segue o padrão de outros sítios de ar livre (Zilhão e Carvalho, 1996, p. 664).

Assim, ainda que o uso da Gruta do Correio-Mor como lugar de *habitat* traga algum acréscimo ao conhecimento do frequente uso funerário das cavidades naturais dos substratos geológicos calcários da Estremadura, Pedreira das Salemas constitui em absoluto uma novidade. Documenta, segundo João Luís Cardoso (1996a, p. 22), a utilização funerária «em fossa» dos interstícios do lapiás, junto à área de *habitat*.

Em termos de cultura material, Pedreira das Salemas revela – para além do grande vaso de colo diferenciado e fundo cónico, dos fragmentos de cerâmica impressa, incisa e com decoração plástica – a presença de micrólitos geométricos: um crescente e uma ponta de flecha transversal (Cardoso, 1996, p. 10).

Estações como a Gruta da Furninha, Peniche (Diniz, 1994), Casa da Moura, Cesareda (Straus et al., 1988; Straus, 1989), Gruta das Pulgas (Spindler, 1976, Abb.2,1), Lapa do Suão, Bombarral (Cortes et al., 1970; Spindler, 1976, Abb.2,2-3), enquadram-se no grupo das grutas/necrópoles amplamente documentadas no Maciço calcário estremenho, caracterizadas pela existência de múltiplos momentos de ocupação e onde estão largamente registadas cerâmicas impressas não cardiais.

Estas jazidas de gruta, quando cartografadas, estabelecem os limites norte e nascente da península de Lisboa, definida atrás com bases estritamente geográficas, mas que assim poderá ganhar novos significados culturais.

Centremos, agora, a análise na plataforma litoral a norte da Serra de Sintra.

Além de São Pedro de Canaferrim, a estação de superfície do Parque das Merendas testemunha outro ponto com ocupação neolítica na elevação do Castelo dos Mouros. Os materiais aí recolhidos – em consequência de intervenções de ajardinamento – e a sua implantação, já na vertente NW da fortificação medieval, levantam incertezas quanto à sua directa articulação com São Pedro de Canaferrim e conduziram à sua abordagem enquanto jazida autónoma.

Trata-se de um sítio de vertente implantado a 350 m de altitude. Do conjunto recolhido neste sítio arqueológico assume particular significado, em termos numéricos, a presença de artefactos cerâmicos atribuíveis ao Bronze Final/Idade do Ferro. Os materiais mais antigos surgem em número reduzido, tendo sido incluídos neste estudo três fragmentos de cerâmica que tipologicamente poderíamos inserir no conjunto das cerâmicas incisas e impressas. São exemplares que documentam as gramáticas das decorações do Neolítico antigo – cordões plásticos sobre o bojo, motivos impressos formando fiadas contínuas junto ao bordo – e os sistemas de suspensão e preensão, com asas culminadas por mamilos que ultrapassam a linha do bordo.

As estações do campo de lapiás de Negrais foram estudadas a partir da década de 50 por Cunha Serrão e Prescott Vicente (Serrão e Vicente, 1954; Serrão, 1980; 1981). A complexidade das condições de jazida e de achado, uma vez que os vestígios foram sempre detectados e registados à superfície ou nos cortes abertos pela lavra de pedreiras (Serrão, 1981b), dificultam as interpretações possíveis sobretudo se atendermos à longa diacronia de ocupação dos sítios.

Contudo parece-me fundamental não entender o denominado «Complexo Arqueológico de Negrais» como uma estação arqueológica única, mas sim como um vasto espaço natural, singular nas condições ambientais que proporciona, com vários núcleos de ocupação pré-histórica, denominados pelos autores dos trabalhos de campo como «zonas». A perda destas referências implicaria múltiplos problemas de abordagem, inviabilizando leituras finas e conduzindo a deduções tão graves e erróneas como catalogar a estação arqueológica de Negrais simplesmente enquanto sítio de altura (cf. Carreira e Cardoso, 1994, p. 69), quando se detectaram implantações de vertente nas *Pedraceiras* e *Amarela* (zonas I-b e I-a, respectivamente), e de fundo de vale nos *Barruncheiros* (zona II).

Estes dois locais caracterizam-se por ocuparem áreas completamente distintas no âmbito do lapiás. Barruncheiros num terreno baixo e deprimido onde se erguem grandes afloramentos, portanto sem qualquer controle de paisagem, Pedraceiras numa zona com formações mais jovens, dispersas e baixas, implantada na transição da paisagem fechada deste labiríntico mundo calcário para os horizontes mais amplos das várzeas férteis de Almargem do Bispo.

Comum a estes núcleos seria a ocupação esparsa no espaço e no tempo de uma paisagem múltiplas vezes revisitada, originando assim uma espantosa estratigrafia horizontal, traduzida na afirmação de Cunha Serrão: «... nunca encontramos estratos arqueológicos sobrepostos, mas sim revelando uma só fase de ocupação, facto que impediu informações sobre cronologia relativa e apenas esclareceu que populações neolíticas e calcolíticas ocuparam, pelo menos algumas vezes, lugares diferentes» (Serrão, 1981, p. 105).

Nas Pedraceiras teriam sido identificados dois contextos «...com grande predominância de tipos neolíticos, num deles, e apenas cerâmica campaniforme no outro» (Serrão, 1981, p. 105). Nos Barruncheiros, por outro lado, observaram-se vários estratos calcolíticos, com carácter marcadamente doméstico (Serrão, 1981, p. 105), embora nas recolhas superficiais efectuadas por António Pedroso Ferreira tenham sido também detectados materiais neolíticos.

Porém, as referências de inventário relativas aos materiais identificados por Cunha Serão e Prescott Vicente e conservados no Museu Arqueológico de São Miguel de Odrinhas, não fazem qualquer alusão a lugares concretos, encontrando-se registados apenas como provenientes de Negrais. Assim, a integração mais precisa deste grande conjunto apenas foi possível para um número reduzido de artefactos já publicados, inviabilizando o agrupamento de grande parte dos materiais em reserva.

As leituras necessariamente truncadas dos sítios de Negrais são hoje praticamente inultrapassáveis através de actuais reconhecimentos de campo. Com efeito, a situação das jazidas é totalmente diversa da registada pelos autores das primeiras publicações acerca dos sítios. A destruição em curso verificada nos Barruncheiros já durante os anos 50 traduz-se hoje no total arrasamento deste núcleo do lapiás, somando-se à exploração de rochas ornamentais a urbanização desordenada do terreno. Nas Pedraceiras prossegue, agora com um novo ritmo, a lavra de mais pedreiras. Apenas noutros locais do lapiás, ainda não atingidos pelo avanço implacável das máquinas, se podem encontrar contextos intactos viabilizando novas leituras que integrem os núcleos de povoamento até agora reconhecidos.

Em Fonte Figueira a natureza da informação é algo diversa, uma vez que todos os materiais neolíticos foram recolhidos na actualidade pela signatária. Trata-se de uma ocupação do antigo Campo de Lapiás da Pedra Furada, encontrando-se os grandes afloramentos característicos destes espaços completamente arrasados, dando lugar a uma enorme cratera artificial originada por uma pedreira. A lavra em profundidade já foi suspensa, permanecendo nos cortes e nas terras acumuladas evidências directas de ocupações neolíticas e calcolíticas.

A observação do terreno permite estabelecer semelhanças com os lugares de Negrais, em termos de condições de jazida. É mais um sítio arqueológico com estratigrafia horizontal, encontrando-se os testemunhos de ocupação distribuídos em área. As recolhas efectuadas em 1993, 1996 e 1997 revelam, além de cerâmicas decoradas (incisas, impressas e com aplicações plásticas), a presença de material microlítico talhado sobre sílex. Destaca-se a ocorrência de lamelas, de um furador e de um trapézio.

Os materiais estudados do Penedo da Cortegaça são provenientes de prospecções de superfície efectuadas por António Monge Soares no ano de 1991, encontrando-se desde 1992 em depósito no antigo Museu Regional de Sintra e, actualmente, no de São Miguel de Odrinhas.

Este povoado de altura ocupa a bancada calcária do topo e a vertente sul de uma elevação que atinge os 225 m de altitude máxima, dominando visualmente a paisagem deprimida da Granja do Marquês. Surge frequentemente citado na bibliografia estremenha, ainda que as escavações de Fernandes Gomes (1970b), prévias à destruição quase total da estação pela lavra de uma pedreira, se encontrem insuficientemente publicadas e os materiais aí recolhidos permaneçam por integrar em colecções museológicas (cf. Gomes, 1978; 1991).

O conjunto aqui estudado foi previamente seleccionado entre outros materiais claramente enquadráveis no Neolítico final, de que constitui exemplo uma taça carenada com decoração denteada sobre a linha de inflexão do perfil. Dele fazem parte os cordões plásticos aplicados, as cerâmicas decoradas a punção, as asas com perfuração horizontal e um fragmento de bordo finamente denteado de onde arranca uma asa vertical, ladeada por decoração impressa.

No âmbito dos lugares em estudo, o povoado fortificado de Olelas caracteriza-se por possuir o núcleo mais extenso de cerâmicas incisas e impressas. Os materiais que aqui se observam provêm das antigas campanhas de escavação realizadas no local por Cunha Serão e Prescott Vicente. Os conjuntos provenientes de escavações recentes empreendidas por Ludgero Marques Gonçalves, também conservados no Museu Arqueológico de São Miguel de Odrinhas, não serão analisados por se encontrarem em estudo.

A atribuição a uma fase antiga do Neolítico de alguns materiais provenientes do povoado de Olelas foi efectuada pelos autores das primeiras escavações, que notaram desde logo uma distribuição específica destes artefactos, concentrados sobretudo no designado terreno A e nas camadas profundas do Monumento n.º 1.

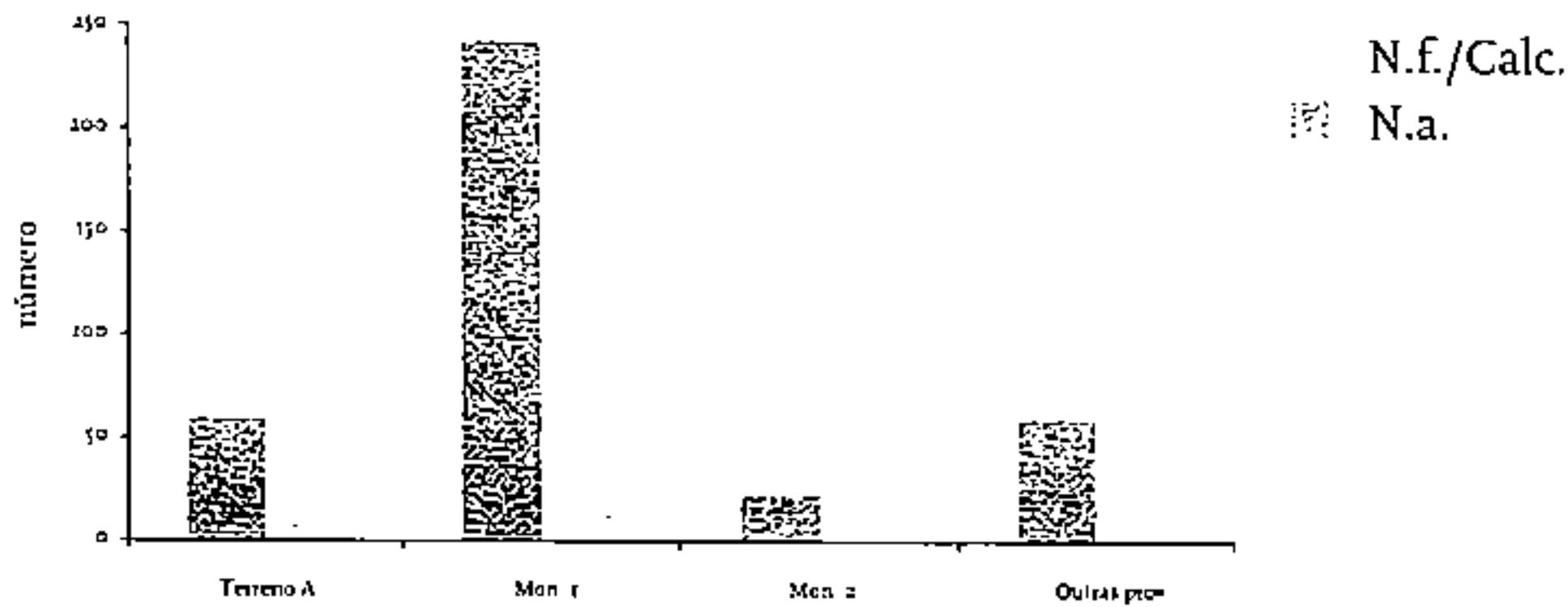


FIG. 12 – Olelas: presença de materiais cerâmicos incisos e impressos (N.a.) face aos conjuntos do Neolítico final/Calcolítico (N.f./Calc.).

Apesar de alguns dos mais elucidativos materiais cerâmicos publicados em 1958 (Serrão e Vicente, 1958, Est. I, 3, 4, 6, 9, 10, 14 e Est. II 2-5) não terem sido localizados nas reservas do Museu Arqueológico de São Miguel de Odrinhas, onde teoricamente se conservaria toda a colecção, contabilizou-se a glabalidade dos fragmentos relacionáveis com uma ocupação antiga, confrontando-os percentualmente com as ocorrências claramente atribuíveis ao Neolítico final e Calcolítico.

Em termos gerais são claramente dominantes os fragmentos cerâmicos relacionados com a ocupação do Neolítico final e da Idade do Cobre.

Porém, a análise dos sectores escavados, consoante as referências das fichas de inventário do Museu, revela uma preponderância muito significativa dos materiais antigos na vala de reconhecimento aberta no terreno A, face à presença mais ténue no Monumento n.º 1 e residual no Monumento n.º 2. Comparando as presenças efectivas, é possível afirmar que mais de 60% das cerâmicas recolhidas no terreno A – incluindo a vala de reconhecimento – pertencem ao grupo inciso, impresso e com e aplicações plásticas, contrastando com a ocorrência no interior das estruturas construídas, sempre inferior aos 20%.

Tal assimetria poderá encontrar justificação na edificação das torres e respectiva utilização, que nessa área específica teriam perturbado, ou mesmo destruído de forma intensa, os níveis prévios ao Calcolítico.

Os novos trabalhos realizados no recinto fortificado, concretamente na torre 3 de planta semi-circular, revelaram a existência de um nível neolítico – camada 4 – com cerâmicas impressas semelhantes às recolhidas por Cunha Serrão e Prescott Vicente (Gonçalves, 1997a). A datação de radiocarbono desta unidade estratigráfica, obtida a partir de uma amostra de ossos, aponta para uma ocupação de meados do IV milénio cal. BC – ICEN-878: 4730±60 BP – (Soares e Cabral, 1993, Est. VI), ou seja, para cronologias que se enquadram no Neolítico final do Ocidente peninsular.

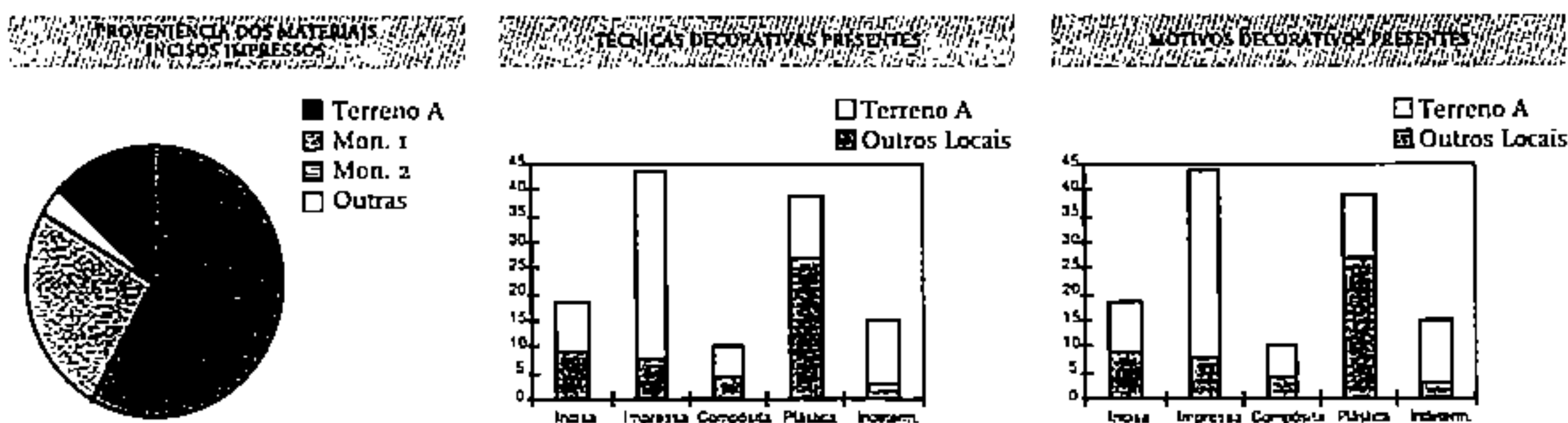


FIG. 23 – Olelas: materiais decorados integráveis no Neolítico antigo – proveniências, técnicas e motivos decorativos registados.

Os dados de cronologia absoluta agora obtidos reforçariam a integração dos materiais impressos incisos e com aplicações plásticas de Olelas numa fase final do Neolítico, já defendida por Susana Oliveira Jorge (1989, p. 128) para outros locais da bacia terminal do Tejo, como Cerca dos Jerónimos (Correia, 1972), Vila Pouca (Moita, 1967) e Montes Claros (Jalhay et al., 1945), e reafirmada recentemente por João Luís Cardoso e Júlio Roque Carreira (1995).

Tais posições, contrárias à inicialmente proposta por Jean Guilaine e Veiga Ferreira (1970), que integravam no «Grupo da Furninha» nomeadamente o conjunto recolhido em Olelas, baseiam-se em associações estratigráficas de cerâmicas incisas, impressas, bordos denteados e taças carenadas, verificadas em lugares de povoamento do Neolítico final estreitamente e patentes em sítios como Liceia, Alto de São Francisco, Montes Claros e Olelas. Possibilitava-se, assim, a integração cronológica de materiais de superfície ou de escavações antigas neste período.

Estaria assim documentada uma perduração morfológica e estilística das cerâmicas decoradas recolhidas em sítios de altura, dado que por si só negaria os modelos de povoamento estabelecidos para o Neolítico antigo, seguindo-se o arquétipo criado para os mais antigos grupos produtores de alimentos e portadores de cerâmicas impressas do litoral alentejano (cf. Silva, 1989, p. 28) e que se encontraria provado nos lugares de Forno da Cal, Vinha da Rainha e Várzea do Lírio, não longe da Figueira da Foz.

Garantia-se, pois, uma cronologia mais avançada para jazidas como Cortegaça e Negrais, ao mesmo tempo que se enquadrava o espólio da Gruta da Furninha – considerado desde a publicação de Jean Guilaine e Octávio da Veiga Ferreira como estação de referência no âmbito do conhecimento dos conjuntos evoluídos do Neolítico antigo – como parte integrante das tumulações dolménicas com placas de xisto, esquecendo-se a sequência estratigráfica ímpar identificada na Lapa do Fumo (Serrão e Marques, 1971).

Através da análise dos dados publicados, relativos aos povoados onde se teria verificado a repetida associação de taças carenadas/bordos denteados/cerâmicas impressas, é possível detectar diferenças assinaláveis entre conjuntos. Em Liceia as cerâmicas impressas distanciam-se amplamente das detectadas em Olelas (cf. Cardoso, 1994b); em Montes Claros recentes escavações denunciaram a existência de um único nível revolvido – camada 1 – onde estão também presentes fragmentos campaniformes e cerâmicas modernas (Cardoso e Carreira, 1995, p. 286).

A existência de um contexto de cerâmicas incisas e impressas datado da transição do VI para o V milénio cal. BC no sítio de São Pedro de Canaferrim, localizado em ambiente de montanha a mais de 395 m de altitude e na área geográfica em discussão, torna difícil sustentar a integração sistemática no Neolítico final de materiais tipologicamente comparáveis, frequentemente identificados em sítios de altura.

Perante a ausência de unidades estratigráficas definidas, só escapariam à integração no Neolítico final os sítios que revelassem materiais de tipo neolítico antigo e sem testemunhos de ocupações neolíticas posteriores. Na plataforma litoral a norte da Serra de Sintra este seria apenas o caso do Parque das Merendas, da Praia de São Julião e, mesmo, de São Pedro de Canaferrim: locais onde até ao presente não foram identificados materiais do Neolítico final.

Quando se observam materiais de superfície ou de antigas escavações, a admissibilidade de perdurações terá sempre de considerar quer eventuais misturas resultantes das condições de achado, quer deficientes metodologias de campo.

A visão horizontal da superfície simplifica sempre a posição dos planos estratigráficos conservados, fundindo as sequências verticais ou iludindo concentrações horizontais.

Apesar de defensáveis, as implicações que advêm da aceitação das denominadas «perdurações estilísticas» possuem um carácter redutor e algo simplista quando ultrapassamos as análises artefactuais em sentido estrito. A cultura material como sistema simbólico é uma parte do pensamento; não é uma expressão, mas uma interpretação da realidade (Thomas, 1991, p. 4).

Ao admitir os dados cronométricos obtidos para a camada 4 de Olelas teríamos de aceitar, pelo menos neste local, a presença de tradições oleiras envolvendo técnicas de fabrico, formas, motivos e padrões decorativos presentes em contextos habitacionais do milénio precedente: ou seja, uma realidade interpretada da mesma forma durante um milénio ...

Aliás, a data única obtida para a camada 4 de Olelas ICEN-878 4730 ± 60 BP, 3560-3360 cal. BC para um grau de certeza na ordem dos 95% (Soares e Cabral, 1993, Est. VI) – acaso documentará a remobilização de materiais antigos em níveis do Neolítico final, ocasionados pela vida intensa do povoado. Poderemos, pois, estar perante a datação de uma amostra de ossos recolhida numa camada – camada 4 – com associações estratigráficas e artefactuais pouco seguras, ou seja, de um contexto não intacto ou mesmo remexido.

Situação análoga terá sido registada para a Gruta das Salemas, Loures, onde foi obtida para uma amostra de madeira carbonizada (Sa-198) um intervalo de tempo (6320 ± 350 BP) compatível com uma ocupação do Neolítico antigo, ainda que discordante com os contextos arqueológicos identificados: nível paleolítico com enterramentos neolíticos recentes e intrusivos (Zilhão, 1992a, p. 149).

Sintetizando, as várias hipóteses de trabalho relativas aos conjuntos com cerâmicas incisas e impressas, aparentemente associados a taças carenadas e a bordos denteados, permanecem amplas e debatíveis.

A primeira, que resultará da integração dos conjuntos em fases recentes, traz consigo a ideia de uma tradição cultural longa de um milénio, com perdurações de formas, decorações e técnicas, partindo da cronometria de conjuntos bem definidos na área (São Pedro de Canaferrim) e acreditando na data absoluta da camada 4 de Olelas.

A segunda, envolverá equacionar a antiguidade de todas as cerâmicas incisas e impressas, admitindo a sua presença recorrente em contextos habitacionais de altura durante o Neolítico antigo, o que não seria exclusivo de São Pedro de Canaferrim, mas antes mais comum na península de Lisboa.

A terceira apresenta-se pela necessidade de calibrar estes dois extremos interpretativos em função do aparentemente desconhecido Neolítico médio.

Apesar de se reconhecerem outras abordagens à identificação dos sítios que podemos incluir na Pré-história recente, a presença de cerâmicas decoradas permanece como indicador cronológico-cultural elementar na definição dos conjuntos artefactuais do Neolítico antigo.

A diversidade de técnicas, motivos e padrões decorativos presentes nos recipientes cerâmicos esteve na origem da elaboração de um catálogo, com o objectivo de sistematizar, numa primeira aproximação, o conjunto cerâmico de São Pedro de Canaferrim, loci 1, 2 e 3, a que se acrescentaram os sítios directamente estudados nesta abordagem: Parque das Merendas, Praia de São Julião, Negrais, Pedra Furada, Olelas, Penedo da Cortegaça.

Sistematizar revelou-se uma tarefa complexa, atendendo a que frequentemente houve a percepção de se poderem estar a constituir categorias demasiado amplas, deixando muito aquém a verdadeira dimensão da complexidade real. Por vezes também se instalou a dúvida de nos encontrarmos a construir um quadro demasiado vasto, em que as originalidades individuais de cada oleiro se podiam confundir com a ideia comum subjacente.

Na realidade, a organização efectuada constitui um compromisso entre os motivos apresentados, as técnicas utilizadas (na sua definição sobre as paredes dos vasos) e as variantes individuais.

Assim, a hierarquização no âmbito do catálogo baseia-se na técnica, pelo que se distinguem, de imediato, vários grupos: motivos incisos, motivos impressos, motivos que combinam a incisão com a impressão, cordões plásticos, modos de suspensão e preensão.

Trata-se de uma divisão tecnológica e artificial, mas que possibilitará a definição da existência, ou não, da associação dos motivos às técnicas, isto é, se há gramáticas exclusivas da incisão ou da impressão.

As aplicações plásticas, destinadas à preensão ou à suspensão, incluem-se aqui enquanto elementos sempre presentes neste conjunto quer na organização das gramáticas decorativas, quer como base à implantação de outros motivos, e ainda na originalidade morfológica surpreendente dos elementos de carácter utilitário – como expressivamente elucidam as asas e os mamilos.

Parece essencial, pois, definir uma série de conceitos que se utilizam quando se debate a decoração das cerâmicas. Padrão decorativo, gramática decorativa e motivo decorativo são noções muito aplicadas, mas raramente definidas. Na leitura proposta hierarquizam-se os conceitos, da unidade mais pequena para a mais vasta e integradora.

Assim, a mínima unidade identificável surge referida como elemento, ou seja, cada traço, cada gesto.

Entendeu-se o motivo (referido em numeração romana) como o conjunto dos elementos, materialização dos gestos rápidos do oleiro através do seu punção, que utilizados de modo coerente formam um todo individualizável. Assim, por exemplo, um motivo em «espiga» só se encontra definido quando é possível individualizar, no mínimo, duas fiadas de puncionamentos ou incisões curtas oblíquas, de direcção inversa, dispostos em sequência.

Este todo pode ser utilizado pelos oleiros em múltiplas combinatórias, formando padrões decorativos que implicam, necessariamente, a utilização quer de espaços reservados, quer de vários motivos ou, mesmo, de diversas técnicas.

As variantes aos motivos, com referências alfabéticas, pretendem demonstrar as distintas imagens finais do trabalho do artesão, ainda que submetidas a ideias comuns.

A presença escassa de vasos quase íntegros face ao elevado número de fragmentos, condicionou a elaboração exclusiva de um catálogo de motivos. A análise dos padrões reserva-se, de forma pontual, para alguns exemplares melhor conservados. Nestes casos, a dissecação dos padrões originou, por vezes, a definição de várias categorias de motivos para um único registo individual, o que poderia conduzir, numa primeira aproximação, à desnecessária complexificação de uma realidade já de si difícil de abordar.

Contudo, essa é a utilidade do catálogo: definir os motivos de forma objectiva para que a sua integração possa, numa fase mais tardia, proporcionar o estabelecimento de conjuntos onde se verifique a utilização do mesmo tipo de componentes na decoração das cerâmicas. A presença de casos únicos, apesar de poder ser sempre entendida à luz dos conhecimentos fragmentares que possuímos acerca dos grupos que produziram e utilizaram estes recipientes, poderá, de forma mais imediata, ser entendida enquanto representação de originalidades individuais face a outras gramáticas de uso sistemático e abrangente.

Leituras de maior alcance em termos de integração cronológica e cultural, efectuadas com base na análise da decoração da cerâmica, poderão ser também ensaiadas, ainda que envolvendo dados complementares, tais como a caracterização das pastas, as cozeduras, os acabamentos das superfícies.

• *Catálogo de Motivos Decorativos (CMD)* •

D Motivos incisos

Caracterizam-se, em termos técnicos, pelo uso do punção sobre as paredes do vaso, ocasionando sempre o arrastamento da pasta ainda fresca.

I — traços curtos, oblíquos, de direcção inversa, formando um motivo em «espiga»; caracteriza-se sempre pela articulação com espaços reservados definindo uma banda junto ao bordo (IA) ou campos de tendência rectangular (IB, IC; ID); o alongamento dos traços oblíquos altera, de forma muito significativa, a imagem do motivo, delineando quase um outro que lembra uma espinha de peixe (ID); Estampas: 2, 2; 4, 3; 8, 5; 21, 1; 22, 1; 29, 5; 30;

II — duas linhas contínuas, rectas, tendencialmente paralelas, definem um espaço médio preenchido por traços oblíquos, sequenciais, também paralelos entre si, formando bandas; as distinções podem encontrar-se tanto na amplitude da faixa decorada (IIA, IIB) como no seu preenchimento, que pode ultrapassar os limites estabelecidos (IID) ou mesmo ser efectuado a traço descontínuo (IIC); Estampas: 4, 5; 6, 1; 6, 3; 7, 1; 9, 4; 9, 6; 9, 7; 21, 5; 29, 1; 27, 4; 27, 5;

III — duas linhas curvas, irregulares, definem um espaço intermédio preenchido por curtos traços verticais, tendencialmente paralelos, formando bandas arqueadas; o motivo surge em sequência, alternando com espaços reservados; Estampa: 4, 1;

IV — banda horizontal definida por duas linhas rectas contínuas e profundas, preenchida por linhas verticais de dimensão irregular, que partem sempre do limite inferior e raramente atingem o superior; Estampa: 9, 5;

V — campo decorado de forma genericamente oval, definido por uma linha curva irregular, preenchido por tracejados horizontais, sequenciais e paralelos entre si; do limite inferior deste elemento partem quatro linhas interrompidas verticais, grosseiramente paralelas, conferindo-lhe um aspecto raiado; Estampa: 4, 1;

VI — linha recta, vertical, de onde parte uma série de traços arqueados; Estampa: 25, 1;

VII — série de sulcos arqueados, concêntricos, largos e profundos; Estampa: 7, 2;

VII-I — motivo quadriculado definido ora por linhas verticais paralelas, cujo intervalo é preenchido através de traços curtos horizontais, ora por linhas horizontais paralelas, com

intervalos preenchido por traços curtos verticais; as áreas decoradas limitam um campo poligonal não decorado; Estampa: 28, 3.

Motivos incisos e impressos

Envolvem sempre a utilização da técnica da incisão associada à da impressão, na definição de um único motivo decorativo. Por comodidade, surge por vezes no texto designada como «decoração compósita».

VIII — bandas definidas por duas linhas rectas paralelas entre si, preenchidas por séries de puncionamentos ovais oblíquos; regista-se a presença desta combinatória em bandas horizontais (VIII A) e verticais (VIII B); Estampa: 9, 3; 28, 1;

IX — bandas definidas por duas linhas incisivas quebradas formando ângulos de 90°, paralelas entre si e preenchidas por séries de puncionamentos ovais; articulam-se ainda faixas verticais e horizontais; este grupo inclui diferenças sensíveis na dimensão dos motivos, muito reduzida em IX C; Estampas: 9, 2; 22, 3; 28, 1; 26, 4;

X — banda definida por linhas irregulares, finamente incisivas, e preenchida por puncionamentos ovais em sequência, de onde partem bandas radiais semelhantes; Estampa: 3, 2;

XI — bandas definidas por duas linhas finas, profundamente incisivas, quebradas, formando três dos lados de um quadrilátero, e preenchidas por impressões ovais dispostas na vertical; Estampa: 9, 1;

XII — linha incisiva sobre a qual se imprimiu uma série contínua de puncionamentos profundos em forma de cunha; as variantes encontram-se na definição da linha, que pode ser quebrada (XII A) ou contínua (XII B); Estampa: 23, 5.

Motivos impressos

Esta categoria constitui-se com base na presença exclusiva da utilização de elementos decorativos obtidos através da pressão a punção da pasta fresca, por contraposição ao arrastamento definido para a incisão.

XIII — puncionamentos ovais, de dimensão variável, oblíquos, de direcção inversa, formando um motivo em «espiga»; caracteriza-se quase sempre pela presença de campos decorados, de forma tendencialmente rectangular, em articulação com espaços reservados (XIII B, XIII C; XIII D); surge, por vezes, como simples fiada junto ao bordo (XIII C, XIII D); Estampas: 2, 1; 2, 3; 4, 4; 5, 1; 5, 3; 8, 2; 8, 3; 8, 4; 20, 1; 20, 2; 21, 7; 21, 10; 23, 3; 23, 4; 29, 2; 29, 3; 29, 6; 26, 2; 26, 3;

XIV — impressões ovais a punção pressionado lateralmente, tendencialmente oblíquas, dispostas em séries de fiadas paralelas; Estampa: 22, 2;

XV — séries de impressões ovais contínuas formando linhas tracejadas, paralelas entre si, definindo áreas reservadas; registam-se séries verticais e horizontais; Estampas: 21, 6; 21, 8; 29, 7; 26, 5;

XVI — séries de impressões em forma de cunha obtidas quer a matriz actuando perpendicularmente em relação à superfície (XVI A), quer a punção oco oblíquo (XVI B); motivo utilizado em fiadas isoladas ou em campos profusamente decorados; Estampas: 23, 1; 26, 1;

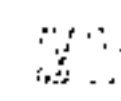
XVII — série de impressões arrastadas a punção, definindo fiadas horizontais; Estampa: 24, 2;

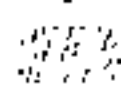
XVIII — séries repetidas de impressões profundas e depois arrastadas, «punto y raya», em sequência horizontal; Estampa: 23, 2;

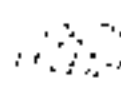
XIX — série de impressões circulares obtidas a punção actuando na vertical; Estampa: 8, 1.


D Cordões plásticos

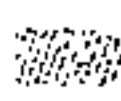
A sua presença define-se pela existência de decoração em relevo na superfície externa dos recipientes cerâmicos, alterando o seu perfil em todo o perímetro. Como técnica, traduz o acréscimo voluntário de barro às paredes do vaso, encarando-se aqui a sua função enquanto estritamente decorativa. Regista-se, por vezes, a utilização destas aplicações plásticas enquanto suporte à decoração com motivos incisos ou impressos.

 **XX** — cordões lisos, isolados, horizontais, paralelos à abertura do recipiente (XXB); ou verticais, perpendiculares à abertura do recipiente (XXA); Estampas: 2, 1; 6, 2; 12; 13; 14, 1; 14, 2; 14, 3; 15, 1; 16, 3; 16, 4; 28, 2; 27, 4; 25, 2;

 **XXI** — cordões lisos articulados, perpendiculares (XXIIA) ou divergentes (XXIIB); Estampas: 15, 2; 24, 3;

 **XXII** — cordões horizontais impressos; definem-se séries de puncionamentos ovais que «entalham» as aplicações plásticas; a diversidade dos tipos – A e B – encontra-se a nível da matriz utilizada; Estampas: 16, 1; 30;


 **XXIII** — cordões horizontais incisos com traços curtos, oblíquos, paralelos entre si; Estampa: 6, 1;

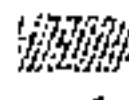
 **XXIV** — cordão horizontal finamente inciso com traços longos; série de traços verticais sob os quais se define um conjunto de linhas curtas e arqueadas; Estampa: 16, 2.


• *Catálogo de Sistemas de Preensão e Suspensão (CSPS)* •

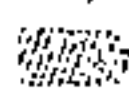
D Asas

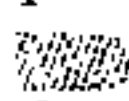
Enquadram-se, neste conjunto, os elementos de preensão e suspensão que se definem pela presença de um elemento plástico, sempre perfurado, que estabelece uma ruptura com o perfil do vaso.

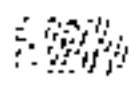
 **I** — asas com perfuração horizontal e com dois pequenos mamilos aplicados, frequentemente esféricos (A, B), mas por vezes de forma menos definida (C); frequentemente denominadas na bibliografia como asas «bífidas»; Estampas: 5, 3; 5, 4; 27, 3;

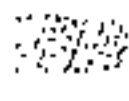
 **II** — asas com perfuração horizontal e com um mamilo esférico aplicado, bem destacado no topo; Estampas: 5, 1; 29, 1; 30;

 **III** — asas verticais, de dimensões consideráveis, com mamilo cónico no topo; Estampa: 10, 1;

 **IV** — asas verticais com mamilo muito evidente, em tronco de cone, no topo; Estampas: 11; 28, 1; 27, 2;

 **V** — asas simples, em arco de círculo, com perfuração horizontal, presentes nos grandes vasos; a sua espessura e a morfologia da perfuração colocam a hipótese de em VB estarmos perante um híbrido entre uma asa e um mamilo perfurado; Estampas: 6, 2; 12;

 **VI** — asas simples, com perfuração horizontal, bastante pronunciadas, encontrando-se muito bem definidos os arranques da parede do vaso; Estampas: 13; 28, 4; 25, 1;

 **VII** — asas simples, com perfuração vertical, encontrando-se muito bem definidos os arranques da parede do vaso; Estampas: 6, 3; 27, 4.

D Mamilos

Consideram-se, neste âmbito, as aplicações plásticas circunscritas a pequenas áreas dos recipientes cerâmicos. Geralmente não apresentam perfuração. As formas são diversas e as dimensões variáveis, configurando a sua utilização quer como elemento decorativo, quer como recurso utilitário.

- VIII — mamilos em tronco de cone, de dimensões desiguais, surgindo sobre o bojo ou junto ao bordo; Estampas: 20, 1; 20, 2;
- IX — mamilo de forma genericamente oval, achatado; Estampa: 4, 1;
- X — mamilos esféricos, de dimensões reduzidas; surgem implantados junto à abertura do recipiente, e mesmo sobre a linha de bordo; Estampas: 2, 2; 22, 1;
- XI — mamilos cónicos; surgem de forma recorrente sobre a linha de bordo (B, C; D), ou junto à abertura (A); traduzem, por vezes, o culminar de um cordão plástico vertical, ao mesmo tempo que podem ilustrar a presença de perfurações verticais; Estampas: 3, 1; 12; 14, 1; 14, 2; 14, 3; 20, 3; 29, 3; 29, 4;
- XII — mamilo alongado implantado sobre o bordo; Estampa: 22, 4;
- XIII — mamilos em lingueta, sempre implantados abaixo do bordo; traduzem-se numa protuberância muito diferenciada que, com muita pertinência, se poderia denominar pega; Estampas: 2, 1; 30;
- XIV — mamilos duplos, sempre caracterizados pela associação de duas aplicações plásticas, de forma tendencialmente esférica, no mesmo elemento de suspensão; o alinhamento pode ser vertical (A) ou horizontal (B), registando-se neste último caso a presença de uma perfuração vertical; Estampas: 2, 3; 27, 4.

Síntese

Em termos globais, São Pedro de Canaferrim revela a maior variedade observada quer em termos de motivos decorativos, quer em tipos de asas e mamilos.

Encontram-se claramente documentados, nos vários conjuntos, três padrões decorativos: (a) métopas: presentes, de forma significativa, nas decorações com motivos em «espiga»: campos rectangulares decorados alternam com outros reservados, estes últimos recorrentemente localizados sob os elemento de suspensão e/ou preensão; (b) bandas sequenciais: muito frequentes na decoração com faixas horizontais e que, em termos de efeito global, não diferem dos cordões plásticos paralelos em sequência; (c) geométrico: definido por bandas de direcção diversa, maioritariamente ortogonais.

Através dos elementos estudados permanece clara a evidência de a cada motivo – e mesmo a cada padrão – decorativo não corresponder uma técnica única, tornando-se possível concluir que a um mesmo desenho correspondem diversos modos de fazer.

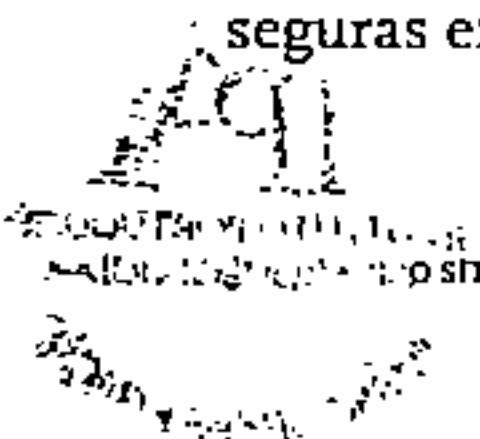
A coexistência, em São Pedro de Canaferrim, de diferentes técnicas de execução empregues na definição de motivos e padrões decorativos idênticos inviabiliza, assim, o estabelecimento de cronologias relativas com base na presença/ausência de incisão e impressão.

O significado cultural dos conjuntos deverá, pois, ser encontrado nas representações relativas dos vários motivos e padrões constantes.

Poder-se-ia afirmar que as monotonias se registam na presença dos motivos em «espiga»: incisos (CMD I) e, sobretudo, impressos (CMD XIII), identificados em todos os locais estudados, à excepção de Fonte Figueira e Parque das Merendas. Os cordões plásticos, visualizados em todas as suas variáveis (CMD XX - XXIV), apenas não foram recensados nos sítios do lapiás de Negrais.

Em termos de tecnologias de fabrico foram ponderados, nesta abordagem de conjunto, o tipo de pastas, cozeduras e tratamentos das superfícies internas e externas.

Com efeito, se a dureza das pastas e o tipo de cozedura revelam informações válidas e seguras em qualquer tipo de jazida, o mesmo não se poderá afirmar para os acabamentos



- VIII — mamilos em tronco de cone, de dimensões desiguais, surgindo sobre o bojo ou junto ao bordo; Estampas: 20, 1; 20, 2;
- IX — mamilo de forma genericamente oval, achatado; Estampa: 4, 1;
- X — mamilos esféricos, de dimensões reduzidas; surgem implantados junto à abertura do recipiente, e mesmo sobre a linha de bordo; Estampas: 2, 2; 22, 1;
- XI — mamilos cónicos; surgem de forma recorrente sobre a linha de bordo (B, C; D), ou junto à abertura (A); traduzem, por vezes, o culminar de um cordão plástico vertical, ao mesmo tempo que podem ilustrar a presença de perfurações verticais; Estampas: 3, 1; 12; 14, 1; 14, 2; 14, 3; 20, 3; 29, 3; 29, 4;
- XII — mamilo alongado implantado sobre o bordo; Estampa: 22, 4;
- XIII — mamilos em lingueta, sempre implantados abaixo do bordo; traduzem-se numa protuberância muito diferenciada que, com muita pertinência, se poderia denominar pega; Estampas: 2, 1; 30;
- XIV — mamilos duplos, sempre caracterizados pela associação de duas aplicações plásticas, de forma tendencialmente esférica, no mesmo elemento de suspensão; o alinhamento pode ser vertical (A) ou horizontal (B), registando-se neste último caso a presença de uma perfuração vertical; Estampas: 2, 3; 27, 4.

Síntese

Em termos globais, São Pedro de Canaferrim revela a maior variedade observada quer em termos de motivos decorativos, quer em tipos de asas e mamilos.

Encontram-se claramente documentados, nos vários conjuntos, três padrões decorativos: (a) métopas: presentes, de forma significativa, nas decorações com motivos em «espiga»: campos rectangulares decorados alternam com outros reservados, estes últimos recorrentemente localizados sob os elemento de suspensão e/ou preensão; (b) bandas sequenciais: muito frequentes na decoração com faixas horizontais e que, em termos de efeito global, não diferem dos cordões plásticos paralelos em sequência; (c) geométrico: definido por bandas de direcção diversa, maioritariamente ortogonais.

Através dos elementos estudados permanece clara a evidência de a cada motivo – e mesmo a cada padrão – decorativo não corresponder uma técnica única, tornando-se possível concluir que a um mesmo desenho correspondem diversos modos de fazer.

A coexistência, em São Pedro de Canaferrim, de diferentes técnicas de execução empregues na definição de motivos e padrões decorativos idênticos inviabiliza, assim, o estabelecimento de cronologias relativas com base na presença/ausência de incisão e impressão.

O significado cultural dos conjuntos deverá, pois, ser encontrado nas representações relativas dos vários motivos e padrões constantes.

Poder-se-ia afirmar que as monotonias se registam na presença dos motivos em «espiga»: incisos (CMD I) e, sobretudo, impressos (CMD XIII), identificados em todos os locais estudados, à excepção de Fonte Figueira e Parque das Merendas. Os cordões plásticos, visualizados em todas as suas variáveis (CMD XX - XXIV), apenas não foram recensados nos sítios do lapiás de Negrais.

Em termos de tecnologias de fabrico foram ponderados, nesta abordagem de conjunto, o tipo de pastas, cozeduras e tratamentos das superfícies internas e externas.

Com efeito, se a dureza das pastas e o tipo de cozedura revelam informações válidas e seguras em qualquer tipo de jazida, o mesmo não se poderá afirmar para os acabamentos

